

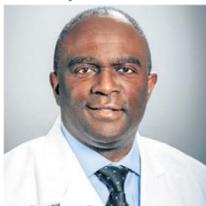
Apenas uma dose de azitromicina evita a infecção generalizada durante o parto vaginal e o óbito em decorrência da complicação

Antibiótico reduz em 33% risco de morte materna

» FERNANDA FONSECA*

A sepse, um tipo de infecção grave, está entre as principais causas de morte materna em todo o mundo, causando cerca de 260 mil óbitos anualmente, segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS). Em países desenvolvidos, a taxa de mulheres que perdem a vida durante a gestação ou 42 dias após é cerca de 5%, enquanto nos subdesenvolvidos esse número chega a 11%. Uma única dose de um antibiótico popular pode reverter esse quadro. Em um estudo apresentado, ontem, na reunião anual da Sociedade de Medicina Materno-Fetal dos Estados Unidos, cientistas mostram que a azitromicina reduz em 33% o risco de morte materna em decorrência de septicemia.

Andrea Mabry



A simplicidade dessa intervenção deve permitir que sua adoção em todo o mundo proteja as mães durante o parto*

Alan Tita, principal autor do estudo e pesquisadora da Universidade de Alabama

o antibiótico e 14.688, a substância neutra. Todas foram acompanhadas por 42 dias após o parto. A análise dos dados mostrou que uma única dose de azitromicina, administrada por via oral, foi capaz de reduzir o risco de morte materna ou de sepse em 33% em mulheres que tiveram um parto vaginal.

Segundo Alan Tita, principal autor do estudo e subespecialista em medicina materno-fetal na Escola de Medicina na Universidade de Alabama, "a azitromicina fornece cobertura contra bactérias adicionais que causam infecções maternas". A droga é prescrita para tratar uma ampla variedade de infecções bacterianas, com "pesquisas anteriores apoiando a sua eficácia".

No novo estudo, a equipe observou benefícios como redução do risco de ocorrência de endometriose materna, infecções, reinternações e visitas não programadas ao hospital. "Nossa pesquisa mostra que apenas uma dose de azitromicina pode ser uma intervenção útil e de baixo custo para reduzir a sepse e as mortes maternas concomitantes", enfatiza Tita. "A simplicidade dessa intervenção deve permitir que sua adoção em todo o mundo proteja as mães durante o parto", defende, em nota.

Combinação de fatores

Os pesquisadores optaram por analisar os efeitos do antibiótico em partos vaginais devido às maiores taxas desse tipo de procedimento em países de

Ted Aljibe/AFP



Hospital na Filipinas: a abordagem pode ajudar países de renda baixa, onde estão as maiores taxas de mortalidade materna

baixa e média renda e aos maiores índices de mortalidade materna globalmente. "Muitos desses países têm baixas taxas de cesariana. Então, as infecções mais graves que levam à morte ocorrem após o parto vaginal", explica o autor.

Segundo Ângelo Pereira, coordenador da Obstetrícia do Hospital Santa Lúcia, em Brasília, a sepse materna é mais comum em países em desenvolvimento pelo menor acesso à saúde de qualidade, pela falta de informação e educação em saúde sexual. "Essa combinação de fatores leva a um maior número de gestações e suas complicações infecciosas, seja ao longo da gravidez por doenças não tratadas, como pneumonias e infecções urinárias, seja no parto e no abortamento pela realização de procedimentos em ambientes insalubres,

pela dificuldade em acesso a antibiótico em tempo oportuno e pelo atraso no reconhecimento e no enfrentamento da sepse de forma efetiva", detalha.

Tatianna Ribeiro, obstetra e especialista em reprodução humana da clínica Rehgio, em Brasília, lembra que alterações fisiológicas da gravidez podem mascarar e piorar a resposta do organismo a um processo de sepse, dificultando seu diagnóstico. "A maior parte dos agentes etiológicos causadores da sepse materna já compõem naturalmente a flora vaginal da mulher. Essa flora sofre alterações durante a gestação e só retorna ao estado fisiológico prévio por volta de seis semanas após o parto", explica. "O desenvolvimento da doença vai se dar pela ascensão

desses micro-organismos para o útero ainda mesmo durante o trabalho de parto, tendo seu 'momento de pico' por volta do 3º dia".

A médica diz que, na gravidez, o útero se encontra mais suscetível às infecções devido à grande área sensibilizada pelo descolamento da placenta. Outros fatores obstétricos que influenciam no desenvolvimento da infecção são corrimonto vaginal, história de infecção pélvica, gravidez múltipla, reprodução assistida e procedimentos invasivos, como cerclagem cervical, parto cesáreo, trauma vaginal e hematoma de ferida operatória. Obesidade, diabetes, intolerância à glicose e idade materna acima de 35 anos também são facilitadores para o quadro infeccioso.

Nesse cenário, Ângelo Pereira afirma que o uso de antibióticos, no momento do parto, é fundamental para reduzir as taxas de infecções e, consequentemente, a infecção generalizada. "Porém, as taxas de sepse no início da gestação, durante os casos de aborto infectado e ao longo da gravidez por complicações clínicas não serão contempladas", lembra o obstetra. Para a redução eficaz da sepse materna, avalia o médico, são necessárias medidas mais amplas, que contemplem todos os momentos da gestação, assim como "ações educativas e de planejamento familiar que melhorem as condições de vida das mulheres em idade fértil".

*Estagiária sob a supervisão de Carmen Souza

IDADE DA PEDRA

"Açougueiros" de 3 milhões de anos

Ao longo das margens do Lago Vitória, no Quênia, África, há cerca de 2,9 milhões de anos, os primeiros ancestrais humanos usaram algumas das mais antigas ferramentas de pedra já encontradas para abater hipopótamos e triturar material vegetal, segundo um estudo publicado na revista *Science*. O artigo, liderado pelo Museu Nacional de História Natural do Smithsonian e pelo Queens College de Nova York, apresenta o que, provavelmente, são os exemplos mais antigos de uma inovação extremamente importante da idade da pedra: um kit de ferramentas de Oldowan.

A pesquisa também traz a evidência mais antiga de homínidos consumindo animais grandes. Embora várias linhas de evidência sugiram que os artefatos provavelmente têm cerca de 2,9 milhões de anos, de forma mais conservadora, a datação aponta para 2,6 e 3 milhões de anos, disse o principal autor do estudo, Thomas Plummer, do Queens College.

Nas escavações no local, chamado Nyayanga, que fica na Península Homa, no oeste queniano, também foi encontrado um par de molares maciços

pertencentes ao *Paranthropus*, parente evolutivo próximo da espécie humana. Os dentes são os restos fossilizados mais antigos de *Paranthropus* já encontrados, e sua presença em um local repleto de ferramentas de pedra levanta questões intrigantes sobre qual ancestral humano fez essas ferramentas.

"Há muito, a suposição entre os pesquisadores é que apenas o gênero *Homo*, ao qual os humanos pertencem, conseguia fazer ferramentas de pedra", diz Rick Potts, autor sênior do estudo. "Mas encontrar *Paranthropus* ao lado dessas ferramentas de pedra abre um mistério fascinante."

Qualquer que seja a linhagem hominina responsável pelas ferramentas, elas foram encontradas a mais de 1,2 mil quilômetros dos exemplos mais antigos conhecidos

Com essas ferramentas, você pode esmagar melhor do que o molar de um elefante e cortar melhor do que o canino de um leão*

Rick Potts, autor sênior do estudo

de ferramentas de pedra de Oldowan — peças de 2,6 milhões de anos desenterradas em Ledi-Geraru, na Etiópia.

Isso expande muito a área associada às origens dessa tecnologia. Além disso, as ferramentas de pedra do local na Etiópia não poderiam ser vinculadas a nenhuma função ou a nenhum uso específico, levando a especulações sobre quais poderiam ter sido os primeiros usos do kit.

Três artefatos

Por meio da análise dos padrões de desgaste nas ferramentas de pedra e ossos de animais descobertos em Nyayanga, no Quênia, a equipe mostra que essas ferramentas de pedra foram usadas pelos primeiros ancestrais humanos para processar

uma ampla gama de materiais e alimentos, incluindo plantas, carne e até medula óssea.

O kit inclui três artefatos líticos: martelos, núcleos e lascas. "Com essas ferramentas, você pode esmagar melhor do que o molar de um elefante e cortar melhor do que o canino de um leão", disse Potts. "A tecnologia de Oldowan foi como desenvolver repentinamente um novo conjunto de dentes fora do corpo e abriu uma nova variedade de alimentos na savana africana para nossos ancestrais."

Em comparação com as únicas outras ferramentas de pedra conhecidas que as precederam — um conjunto de artefatos de 3,3 milhões de anos desenterrados em um local chamado Lomekwi 3, a oeste do lago Turkana, no Quênia —, as ferramentas de Oldowan representam uma atualização significativa em sofisticação.

Com o tempo, esse kit se espalhou por toda a África, e até mesmo até a atual Geórgia e China, e não foi substituído ou alterado de forma significativa até cerca de 1,7 milhão de anos atrás, quando os machados de mão do acheuliano apareceram pela primeira vez.

TW Plummer, JS Oliver e EM Finestone/Divulgação



Ferramentas usadas por ancestrais humanos para abater grandes animais